

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilly Souza do Vale
(Organizadores)



Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilly Souza do Vale
(Organizadores)



Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

- Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

- Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá

Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Carlos Alberto Souza do Nascimento Júnior
Organizadores: Lázaro Castro Silva Nascimento
Kamilyly Souza do Vale

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

S478 Sentidos em Gestalt-terapia [recurso eletrônico] : novas vozes, outros olhares / Organizadores Lázaro Castro Silva Nascimento, Kamilyly Souza do Vale. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-355-2

DOI 10.22533/at.ed.552201609

1. Gestalt-terapia. I. Nascimento, Lázaro Castro Silva.
II. Vale, Kamilyly Souza do.

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

PREFÁCIO

Escrever o prefácio de uma obra não é uma tarefa fácil. A tarefa se torna ainda mais difícil quando se trata de um livro escrito por vários autores e autoras, composto de doze capítulos, que perpassam por temas pungentes e de extrema relevância na atualidade. Dado isso, me sinto realizando uma delicada tarefa e receosa de que não a cumpra de forma honrosa. Que me desculpem os autores e as autoras se meu prefácio não estiver à altura do valor que encontrei em cada um dos capítulos.

Como já nos indica o título “Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares”, o livro organizado por Lázaro Castro Silva Nascimento e Kamilly Souza do Vale tem a proposta de visibilizar autoras e autores que trazem contribuições inovadoras ao campo conceitual e técnico dessa abordagem, se debruçando sobre temas pouco tratados nos livros publicados em Gestalt-terapia no Brasil. A riqueza e a profundidade com que temas tão diversos são tratados me fascinou e me fez ficar absorta nas páginas do livro; creio que será exatamente a mesma experiência que os leitores viverão diante da obra em questão.

O primeiro capítulo escrito por Lázaro Castro traz reflexões provocativas sobre o que podemos ou não considerar Gestalt-terapia. No diálogo que Lázaro traça com seu leitor, o mesmo aponta a não homogeneidade conceitual que embasa a prática dos profissionais desta perspectiva psicoterápica. Então, Lázaro busca ao longo do capítulo elucidar o que considera os fundamentos conceituais e teóricos da Gestalt-terapia e trazê-los a nós em um texto claro, construído sobre sólidas referências teóricas.

O segundo capítulo é uma contribuição valiosa de Kamilly Vale ao campo da psicoterapia de casais em Gestalt-terapia. Kamilly desenvolve o texto a partir de sua própria experiência de trabalho com casais, tanto teórica quanto prática, nos trazendo um alerta quanto ao grau de violência que é encontrando usualmente no relacionamento íntimo e que se reflete em modelos comunicacionais pouco cuidadosos entre as partes do casal. Kamilly constata que a comunicação está muito além do que é meramente dito e o discurso entre casais permanentemente atravessado pelas influências culturais.

No terceiro capítulo encontramos um belíssimo texto tecido a seis mãos e que se debruça sobre o tema da felicidade dentro do ponto de vista da Gestalt-terapia. Os autores Patrícia Yano, Francisco Soares Neto e Mariana Andrade partem da constatação de que a busca pela felicidade, e pela compreensão do significado da mesma, é secular. No entanto, o tema não tem sido objeto de ampla reflexão nas obras de Gestalt-terapia, tarefa à qual se propõe os autores.

A autora Mariana Pajaro desenvolveu o quarto capítulo a partir das inquietações vividas na prática clínica com crianças. Mariana relata sua busca por maior aprofundamento teórico-técnico, permeada por um sensível testemunho de experiências vividas em sua

clínica nas quais descobriu a importância de entrar em contato com a criança que um dia ela foi.

O quinto capítulo versa sobre o tema do trauma e a autora nos conta sobre seu percurso profissional, no qual buscou técnicas específicas que têm como base os conhecimentos das neurociências. Simone Dreher defende o ponto de vista de que o trabalho com traumas em Gestalt-terapia pode ser enormemente enriquecido pela aproximação com os estudos contemporâneos das neurociências, apresentando alguns conhecimentos que adquiriu nesse intercâmbio que se propôs a fazer.

No sexto capítulo nos deparamos com mais um tema tocante: o processo de elaboração do luto decorrente do fim de uma união afetiva. Keila Santos, partindo da constatação de que o número de separações e divórcios é crescente na sociedade contemporânea, traz contribuições importantes sobre o tema, obtidas por meio de uma cuidadosa pesquisa bibliográfica, sob o prisma da Gestalt-terapia.

Ao chegarmos ao sétimo capítulo, escrito por Hayanne Alves e Wanderlea Ferreira, novamente somos colocados frente a frente com um tema impactante no que diz respeito às possibilidades e dificuldades da prática do gestalt-terapeuta no sistema prisional brasileiro. A ação profissional em um contexto tão adverso é apontada, pelas autoras, como de extrema relevância e a visão de ser humano da Gestalt-terapia pode servir como suporte para uma prática em que os aspectos criativos são valorizados.

Livia Arrelias, no oitavo capítulo, denuncia a quase inexistência de discussões sobre as existências pretas e indígenas em Psicologia, de maneira ampla, e em particular na Gestalt-terapia. A autora reflete sobre o quanto o modo elitista do desenvolvimento da Psicologia no Brasil se refletiu em práticas psicológicas discriminatórias e socialmente excludentes.

No capítulo nove encontramos o relato de uma pesquisa desenvolvida a partir de perfis de usuários do aplicativo Grindr, um aplicativo de encontros para homens. Paulo Barros identificou um perfil de homem ideal preconceituoso na população estudada, verificando concepções homofóbicas e misóginas, mesmo entre homens que se relacionam com homens. A partir daí, reflete sobre os conceitos de introjeção e fronteira de contato na Gestalt-terapia.

O décimo capítulo foi redigido por Gabriely Garcia, Tainá Tomaselli e Ana Carolina Galo. As autoras escrevem sobre a importância da música em nossas vidas e, em especial, na utilização desta como recurso terapêutico por musicoterapeutas ao longo da história. Partindo da integração teórica entre a profissão da Musicoterapia e a Gestalt-terapia, constroem uma proposta de Gestalt-Musicoterapia ou Musicoterapia Gestáltica.

O processo de luto durante a pandemia de Covid-19 de Heloá Maués e Michele Moura é o tema do penúltimo capítulo do livro. As autoras consideram a delicadeza da situação em que vivemos na qual o direito de vivenciarmos o luto e os rituais de despedida dos entes que amamos nos tem sido tirado não só pelas dificuldades próprias à pandemia,

mas também por uma ausência de políticas governamentais apropriadas ao enfrentamento desta.

Chegamos então ao capítulo de encerramento no qual, mais uma vez, somos confrontados com um tema de grande relevância que é pensar sobre a experiência da vergonha calcada nos conceitos da Gestalt-terapia. Larissa Carvalho buscou compreender o processo vivenciado por uma pessoa envergonhada e as implicações da moralidade social.

Daqui em diante, fica por conta do leitor o cuidado na leitura e a abertura para a reflexão que o livro poderá proporcionar. Espero que todos possam usufruir de tão rico material organizado no livro, tanto quanto eu o fiz.

Patricia Valle de Albuquerque Lima

*Gestalt-terapeuta e Psicóloga. Doutora em Psicologia pela
Universidade Federal do Rio de Janeiro. Docente do curso de Psicologia da
Universidade Federal Fluminense (UFF).*

APRESENTAÇÃO

Os escritos presentes na obra *Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares* são antes de tudo um manifesto afetivo. Convidamos Gestalt-terapeutas espalhadas/dos pelo Brasil para compor um material que fosse ao mesmo tempo rico em produção de sentidos, mas também que transbordasse afetividade e construção teórico-prática na Gestalt-terapia.

Os trabalhos apresentados aqui versam sobre temáticas contemporâneas e diversas provocando leitoras e leitores ao *sentir* enquanto se debruçarem sobre cada um dos capítulos. Nosso objetivo maior foi ouvir novas vozes, possibilitar um espaço e dar visibilidade para autoras e autores que realizam pesquisas e trabalhos importantes na área, compartilhando-os e os tornando acessíveis à comunidade de um modo geral.

Esperamos que esse passo inicial seja de fato a concretização de um desejo comum: integrar espaços dentro da Gestalt-terapia, dirimir nichos que detêm lugares previamente demarcados e disponibilizar um material de qualidade com temáticas que toquem aqueles que diariamente compõem e constroem o fazer gestalt-terapêutico.

Uma excelente leitura para todas e todos!

Lázaro Castro Silva Nascimento

Kamilly Souza do Vale

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
GESTALT-TERAPIAS E GESTALT-TERAPEUTAS: REFLEXÕES LINGUÍSTICAS E PLURALIDADE DE PRÁXIS Lázaro Castro Silva Nascimento DOI 10.22533/at.ed.5522016091	
CAPÍTULO 2	15
A COMUNICAÇÃO DIALÓGICA NO MANEJO COM CASAIS EM GESTALT-TERAPIA Kamilly Souza do Vale DOI 10.22533/at.ed.5522016092	
CAPÍTULO 3	31
OS ESTUDOS SOBRE A FELICIDADE E A GESTALT-TERAPIA Luciane Patrícia Yano Francisco Alves Soares Neto Mariana da Silva de Andrade DOI 10.22533/at.ed.5522016093	
CAPÍTULO 4	47
ESTAR-COM CRIANÇAS: EM BUSCA DA LINGUAGEM PERDIDA Mariana Pajaro DOI 10.22533/at.ed.5522016094	
CAPÍTULO 5	57
TRAUMA, NEUROCIÊNCIAS E GESTALT-TERAPIA: INTEGRANDO PRÁTICAS E ABORDAGENS CONTEMPORÂNEAS Simone Aparecida de Souza Dreher DOI 10.22533/at.ed.5522016095	
CAPÍTULO 6	67
DESATANDO OS “NÓS” E RECONFIGURANDO O “EU”: O LUTO DECORRENTE DO FIM DA CONJUGALIDADE NA GESTALT-TERAPIA Keila Andréa Araújo Costa dos Santos DOI 10.22533/at.ed.5522016096	
CAPÍTULO 7	78
INTERLOCUÇÕES DA ABORDAGEM GESTÁLTICA NO SISTEMA PRISIONAL BRASILEIRO Hayanne Galvão Pereira Alves Wanderlea Nazaré Bandeira Ferreira DOI 10.22533/at.ed.5522016097	
CAPÍTULO 8	93
REFLEXÕES DA CLÍNICA GESTÁLTICA SOBRE RELAÇÕES RACIAIS Lívia Arrelias DOI 10.22533/at.ed.5522016098	

CAPÍTULO 9	110
“QUERO MACHO COM JEITO DE MACHO”: FRONTEIRAS DE CONTATO ENTRE USUÁRIOS DO GRINDR	
Paulo Henrique Pinheiro de Barros	
DOI 10.22533/at.ed.5522016099	
CAPÍTULO 10	126
GESTALT-MUSICOTERAPIA: UMA REVISÃO INTEGRATIVA E ALINHAVOS TEÓRICO-PRÁTICOS	
Gabriely Leme Garcia	
Tainá Jackeline Tomaselli	
Ana Carolina Tiemi Galo	
DOI 10.22533/at.ed.55220160910	
CAPÍTULO 11	137
O PROCESSO DE LUTO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19: LEITURAS GESTÁLTICAS	
Heloá Pontes Maués	
Michele dos Santos Moura	
DOI 10.22533/at.ed.55220160911	
CAPÍTULO 12	152
A PERCEPÇÃO DA VERGONHA SOB O VIÉS DA CLÍNICA GESTÁLTICA	
Larissa da Silva Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.55220160912	
SOBRE OS ORGANIZADORES	166

CAPÍTULO 12

A PERCEPÇÃO DA VERGONHA SOB O VIÉS DA CLÍNICA GESTÁLTICA

Larissa da Silva Carvalho¹

Já me perdi tentando me encontrar
Já fui embora querendo nem voltar
Penso duas vezes antes de falar
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca
Sempre fiquei quieta, agora vou falar
Se você tem boca, aprende a usar
Sei do meu valor e a cotação é dólar

Iza, Dona de mim
(Composição de Arthur Marques)

Para evitar situações de exposição indesejada em minha vida, a frase “sou tímida, tenho vergonha” era utilizada com frequência. Assim desenvolver uma pesquisa sobre vergonha foi possível a partir do reconhecimento das minhas vivências, fato admitido após a inserção na especialização como Gestalt-terapeuta, em que o encontro com diversos profissionais qualificados intensificou o processo de vergonha já existente.

São diversos comportamentos ansiogênicos, pensamentos negativistas, medo do julgamento, coração acelerado, rubor, falta de ar que oscilavam em alguns módulos e, por algum atravessamento, a crise de ansiedade comparecia com maior vigor, o choro ficava preso e os pensamentos de inadequação flutuavam. Por sorte ou por direcionamento do campo, pude dialogar em variados momentos sobre o quanto eu me pressionava para conseguir seguir na especialização, nos grupos de estudos, na atuação em lugares por onde trabalhei e nas relações afetivas. Chamei de ansiedade, medo, insegurança e/ou irritação o fenômeno da vergonha por anos.

Foi durante um dos módulos da pós-graduação e formação em Gestalt-terapia, ministrado pela Prof.^a Dr.^a Mônica Alvim, que a mesma suscitou a reflexão acerca da importância de estudos que envolvessem a vergonha como o reconhecimento de um fundo de vividos. Nesse momento, me dei conta de que ela conseguiu nomear o que eu já vivenciava havia um longo período: a vergonha. Um *insight* ocorreu e isto se tornou tema central de pesquisa.

1. Gestalt-terapeuta. Psicóloga (CRP-10/04216). Especialista em Psicologia da Saúde (Universidade do Estado do Pará). Membro do Grupo de Estudos em Gestalt-terapia (GEGT)

O QUE É VERGONHA E GESTALT-TERAPIA?

Segundo o dicionário, vergonha é um substantivo feminino que significa...

Ato de vexatório, que humilha, desonra; humilhação. Sentimento penoso que resulta desse ato, por se ter cometido alguma falta ou pelo temor da desonra: corar de vergonha. Ato indecoroso que provoca indignação: a corrupção é uma vergonha! Insegurança efetivada pelo medo do julgamento alheio; decoro. Dor causada pelo sentimento de inferioridade. Rubor das faces causado por acanhamento; timidez (VERGONHA, c2020, sem paginação).

Observa-se que o conceito social da palavra vergonha já traz dados que congregam a conceituação gestáltica e as características de como a vergonha se expressa pelo corpo. Entretanto, propõe-se realizar um comparativo simplificado sobre como outras abordagens da Psicologia, Ciências Sociais e Neurociências descrevem e conceituam a vergonha: “há mais de um século realizaram-se cruzadas para a terra prometida do cérebro, em busca do Santo Graal emocional, a região ou rede cerebral que irá esclarecer de onde vêm a culpa, a vergonha, o medo e o amor” (LEDOUX, 2001, p. 66).

Contudo, o destaque seguirá abaixo para conceituar termos fundamentais à abordagem da Gestalt-terapia no processo da pessoa envergonhada.

Esteves (2012) afirma que variados textos junguianos tecem referência à palavra inibição/repressão de conteúdos inconscientes, que ocasionam medo, retraimento social, ansiedade, insegurança, entre outras características que ficam representadas no cotidiano em forma de timidez.

O termo vergonha é entendido como um mecanismo de repressão e está associado a situações de desconforto e de inadequação daquilo que é incompatível com os conteúdos da consciência [...] é uma emoção social que surge da suscetibilidade ao juízo alheio, real ou imaginário; ela é causada quando o sujeito compartilha com os outros uma avaliação negativa que tem de si (ESTEVES, 2012, p. 34).

Na terminologia adotada pela Biblioteca Virtual de Psicologia do Brasil (2014, p. 1004), o termo remete a um estado emocional relacionado a “ansiedade, culpa, embaraço, medo e moral”. Para Santos (2012), o sentimento de vergonha está acompanhado de desvalorização, impotência e sensação de inadequação ou sentir-se “pequeno”, enquanto que a culpa é um sentimento que gera remorso, tensão e arrependimento, uma vez que há uma preocupação genuína com o modo como o seu comportamento afetou o outro.

A filósofa Marim (2017) informa que a vergonha é utilizada socialmente como agente moral para o desenvolvimento e evolução social:

A culpa e a vergonha são emoções fundamentais para motivar o comportamento moral, no qual a antecipação do sentimento de vergonha e culpa evita a violação de normas e motiva o comportamento reparativo, enquanto a raiva motiva a punição (HAIDT; SABINI, 2000 *apud* MARIM, 2017, p. 76).

Interessante refletir sobre esse âmbito filosófico da moralidade que interage com aspectos emocionais como a vergonha, a forma como uma situação vivida pode gerar padrões em grupos sociais, influenciando na regulação de comportamentos, pensamentos, emoções dos mesmos e de uma cultura. Essa forma de manutenção de regras sociais pode ser considerada uma configuração para parear e/ou restringir identidades sociais. Alencar e La Taille (2007), da abordagem comportamental, fazem referência à questão da moral e acrescentam a necessidade de se ter alguém que a pessoa envergonhada valide como julgador.

Neste capítulo, a articulação teórica será realizada a partir de conceitos da Gestalt-terapia (contato, *self*, figura-fundo, *awareness* e ajustamentos criativos), cuja integração com o processo de envergonhar-se será aprofundada *a posteriori*, pois, para a Gestalt-terapia “a vergonha tem a ver com o sentido de ajustamento entre o interior e os mundos exteriores da experiência” (LEE; WHEELER, 1946, p. 48 *apud* ROBINE, 2012, p. 239).

Perls, Hefferline e Goodman (1997) afirmam que o contato é considerado a realidade mais simples e primeira. Infere-se que o mesmo é a base das relações e que, por meio dele, as significações pessoais acontecem. Contatar acontece na fronteira do campo organismo/ambiente; “é, em geral, o crescimento do organismo. Pelo contato queremos dizer, a obtenção de sua comida e ingestão, amar e fazer amor, agredir e entrar em conflito, comunicar, perceber, aprender, locomover-se” (p. 179).

Quando há uma interação saudável com o meio, o contato é vivo consigo. Frazão (1995) chama esta totalidade de *self*, cuja principal característica é a formação e destruição de *Gestalten*, de figuras, pois sua existência ocorre a partir da energia demandada por uma situação, figura, por estar em contato com algo que exija a satisfação de uma necessidade para a autopreservação ou para o crescimento. É um “sistema complexo de contatos [...] não se deve pensar o *self* como uma instituição fixada, ele existe onde quer que haja de fato uma interação de fronteira, e sempre que esta existir” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 179).

O *self* é o reconhecimento de uma necessidade que compõe o sistema figura-fundo de um organismo em relação com o seu ambiente, cuja função é encontrar e dar sentido às coisas que vivemos (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997), trazendo potencialidade ao que necessita ser desenvolvido ou preservado (RIBEIRO, 1999).

O sistema figura-fundo promove a formação, reconhecimento e o esvaziamento ou fechamento de uma Gestalt; proporciona forma, nitidez, percepção, clareza de que há um excitação (energização da figura demandada). Tal processo ocorre na fronteira de contato que a energia oferece (POLSTER; POLSTER, 1979; PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997).

Diante dessa configuração, o indivíduo torna-se presente, congruente a uma situação inacabada, e ocorre a *awareness*, também chamada de tomada de consciência. Este é o processo final de um entendimento sobre uma situação. É quando uma pessoa consegue

integrar/compreender emoções, pensamentos e comportamentos advindos da vivência no aqui e agora. Com ela, há a exaustão, o esvaziamento, a destruição e a integração de um problema, o que era figura agora passa para o fundo de vividos e o processo reinicia-se (YONTEF, 1993).

Todavia, nem sempre a situação interna ou externa vivenciada gera uma tomada de consciência total, havendo, assim, uma forma parcial em que suas escolhas não estão pautadas em seu conhecimento, sua responsabilidade, na sua presentificação e aceitação da vivência existente (LATNER, 1986 *apud* DOCA; BIBILIO, 2018, p. 379).

Dialogar sobre sua forma, sobre como o cliente se expressa e se percebe em sua vivência, ocorre a partir de um olhar que integre seus campos, a saber: geobiológico, psicoemocional, socioambiental e sacrotranscendental (RIBEIRO, 2012). A teoria organísmica de Goldstein introduziu a noção de que o sintoma trazido não poderá ser compreendido em sua totalidade se o indivíduo não for visto em sua totalidade integrativa: “a lei básica da vida é autopreservação e crescimento” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 88).

Para Yano (2015) e Pimentel (2017), os ajustamentos criativos são realizados de acordo com a vivência de cada ser e a Gestalt-terapia tem como função psicoterapêutica auxiliar, acompanhar, nutrir a pessoa em atendimento com recursos disponíveis, que antes não podiam ser visualizados em razão de situações adversas que geravam comportamentos disfuncionais.

Há sentidos aguçados para a percepção de fenômenos ao nosso redor que são registrados corporalmente ao longo da vida. Essa apreensão se dá no presente, no aqui-e-agora. “Mesmo quando lembramos de algo do passado, o lá-e-então, o ato de lembrar está se dando no presente. Embora a *awareness* seja sempre presente, o objeto dela pode pertencer a um outro tempo e espaço” (FRAZÃO, 1995, p. 146).

Perls, Hefferline e Goodman (1997) afirmam que os hábitos aprendidos ao longo da vida podem se transformar em comportamento neurótico. Há uma interrupção de contato atual por medo, perigo ou frustração à sua necessidade, formando-se a neurose. O que no passado teve uma função adequada à situação deixou de tê-la na atualidade; se tornou obsoleto, resultando em uma situação inacabada, onde o excitamento tende a estar reprimido.

Assim, a evitação de uma necessidade se torna mais enrijecida e a compreensão é de que o perigo e a frustração agora recebem um *status* de cronicidade, padronizam-se, tornando-se adoecidos e prejudiciais à pessoa.

Quando a busca de equilíbrio do homem o leva a retirar-se mais e mais, a permitir que a sociedade o influencie demais, a subjugá-lo com suas exigências, ao mesmo tempo a separá-lo do convívio social, a pressioná-lo e moldá-lo passivamente, nós o chamamos de neurótico (PERLS, 1981, p. 41).

Para Perls (1977), há cinco ajustamentos neuróticos na Gestalt-terapia, a saber:

Confluência, Introjeção, Projeção, Retroflexão e Egotismo.

Caracteriza-se confluência quando a pessoa está diluída no campo, ou seja, apresenta dificuldade em se diferenciar em uma situação ou como se portar com outras pessoas, resultando então em uma fronteira permeável, em que não consegue escolher, decidir ou até mesmo exclui sua opinião por não acreditar em si e por perceber os outros como superiores.

Ainda há outra conceituação acerca da confluência: “condição de não contato” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 252), em que essa resistência emocional convoca o medo do indivíduo em dar voz à sua existência (seus desejos, pensamentos, gostos e ações) e experimentar o novo. Fica evidente que desconhece o limite entre si e os outros, suas fronteiras nas relações e consigo.

De acordo com Perls (1981) e Perls, Hefferline e Goodman (1997), somos seres de contato vívido; os laços relacionais nos mantêm com uma sensação de segurança e, se nos forem retirados, existe a possibilidade de gerar ansiedade. Todavia, a queixa central é de que o contato requer consciência, presentificação das ações, o que é o oposto oferecido pela confluência. Para Polster e Polster (1979), as relações confluentes estão estabelecidas por um acordo não dito sobre não discutir, não discordar um do outro.

A introjeção é a incorporação de informações e aprendizados. Ela também apresenta um aspecto saudável, como as regras sociais para uma concordância sobre uma vida comunitária. A evolução ou mudanças sociais que ocorrem ao longo dos anos representam que ainda há possibilidade de dialogar e refutar ou aceitar novas ideias (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997; RIBEIRO, 1997, 2006).

Entretanto, para a introjeção como conotação neurótica, o introjetor está em conflito entre o que aprendeu (passado) e o que deseja (presente):

A situação neurótica é aquela na qual a convenção é coercitiva e incompatível com a excitação animada, e onde, para evitar o crime do não pertencimento (para não falar de conflitos adicionais), o próprio desejo é inibido – e o ambiente odiado é tanto aniquilado quanto aceito, sendo engolido por inteiro e suprimindo-o (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 253-254).

Perls (2002) tece correlatos entre a alimentação e os ajustamentos neuróticos, pois é a partir desta correlação – apetite, mastigação, deglutição – que estrutura a noção de assimilação e crescimento, fechamento de *Gestalten*.

A projeção é contrária à introjeção:

em geral, são nossas introjeções que nos levam ao sentimento de autodesvalorização e autoalienação que produz a projeção. Projetando, espera se livrar de suas introjeções imaginárias que, de fato, não são de todo introjeções, e sim aspectos de si mesmo (PERLS, 1977, p. 99).

Há um excitamento advindo de um fundo de vividos, de maneira que, ao entrar em contato com o agora (fronteira de contatos), o ambiente é confrontado, emergindo as

emoções. Mas, “o projetor neurótico, não passa a identificar o sentimento flutuante como seu próprio; de preferência, torna-o definido vinculando-o com alguma outra pessoa” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 255).

Para Vieira (2017), são variadas as formas de adoecimentos psicossomáticos, como depressão, ansiedade, dores pelo corpo, fobias, entre outras doenças contemporâneas da sociedade do século XXI. Estas são formas da utilização inadequada da agressividade, em que o indivíduo adoece sem relacionar a aspectos próprios, não reconhecendo suas necessidades e sofrimentos.

A retroflexão já é um ajustamento criativo, cujo significado é literalmente voltar-se rispidamente contra si mesmo (PERLS, 1981). Há emoções emergindo, todavia, o retrofletor interrompe o fluxo de contato: evitando desentendimentos, evita ser ferido ou se ferir diante do que o ambiente lhe demanda; evita, assim, a frustração, que muitas das vezes tem componentes mais fantasiosos do que realísticos. O termo masturbação mental é usado para a retroflexão, pois a pessoa utiliza a agressividade repetidamente para gerar o desejo e a satisfação do mesmo, como na masturbação sexual, ou seja, repete mentalmente a situação vivida variadas vezes.

Nas queixas clínicas contemporâneas, esses adoecimentos são formas encontradas pela sabedoria orgânica para que uma pessoa consiga contatar a dor e um meio de chegar a um acompanhamento psicológico, por vezes. Contudo, o psicólogo deve ser atento ao sistema figura-fundo, e talvez alguns desses casos tenham relação íntima com a vergonha. Lembrando que esta afirmação apenas será confirmada a partir de conhecimento do psicoterapeuta sobre a vida do cliente.

Para Perls (1977), o desenvolvimento da autonomia é fundamental em sociedade: “amadurecer é transcender do apoio ambiental para o autopoio” (PERLS, 1977, p. 49). Assim a psicoterapia é um recurso de heterossuporte, ou seja, é um apoio externo do ambiente cuja função é dar suporte ao cliente frente a comportamentos considerados conflituosos para si. Todavia, o objetivo é favorecer o crescimento e desenvolvimento da autonomia (autopoio/autossuporte) do cliente, do reconhecimento das potencialidades, de escolhas para seguir, e amadurecimento pessoal. Quando o cliente está *aware* da sua forma de viver, o adoecimento dá lugar à liberdade de agir e se expressar.

Por fim, há o egotismo, cuja característica principal se encontra no medo de ser surpreendido, demonstrando sua maior fragilidade: o medo de ser abandonado (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997). Teme renunciar ao controle excessivo e se torna hipervigilante sobre si mesmo, evitando, assim, o contato final e, conseqüentemente, o crescimento contínuo. Todo esse autocontrole traz para o seu ambiente a apatia. Nos atendimentos clínicos, o egotista demonstra saber tecnicamente seus problemas e como resolvê-los, porém, “sem a espontaneidade e o risco do desconhecido, não assimilará a análise” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 258), fato primordial para qualquer tomada consciência (*awareness*).

Diante desta discussão, o presente capítulo tem como objetivo geral tecer algumas compreensões sobre a vergonha, a partir de uma perspectiva gestáltica.

METODOLOGIA

O método utilizado nesta pesquisa foi a revisão bibliográfica, para a compreensão do objeto de estudo (vergonha). O objetivo, ao estudar um fenômeno, é compreender seu significado em um contexto individual ou coletivo para a sociedade: “o significado tem função estruturante: em torno do que as coisas significam, as pessoas organizarão de certo modo suas vidas” (TURATO, 2005, p. 509).

O levantamento bibliográfico foi realizado em livros clássicos da Gestalt-terapia e em bases de dados *online* (Google Acadêmico e SciELO). Em virtude do escasso material vinculado aos descritores *Gestalt-terapia* e *vergonha* e *Vergonha na psicoterapia gestáltica*, optou-se por ampliar a busca para dissertações e teses de mestrado e doutorado.

Os critérios de inclusão para este estudo foram: artigos, dissertações e teses em língua portuguesa e livros clássicos da Gestalt-terapia que estudassem o fenômeno da vergonha. E os critérios de exclusão foram: materiais que não utilizassem o termo vergonha; publicações em outras línguas, salvo obras gestálticas clássicas.

Os principais textos em que há reflexões com matérias contundentes dentro da abordagem gestáltica são: “Vergonha” (YONTEF, 1993), “Vergonha e a ruptura da confluência” (ROBINE, 2006), o verbete “Vergonha” (ROBINE, 2012) e *Gestalt-terapia* (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997), presentes em obras basilares para a abordagem gestáltica.

Buscando a combinação dos descritores *Gestalt-terapia* e *vergonha*, foram encontrados 3 (três) documentos que, entre outros temas, também discutiam essa temática: Ribeiro (2006); Robine (2006); e Biblioteca Virtual de Psicologia Brasil (2014). Para o descritor *Vergonha na psicoterapia gestáltica*, foram obtidos dados em 2 (duas) obras: Yontef (1993); e Robine (2005). Não foram encontradas dissertações ou teses que incluíssem o objeto investigado.

UMA VISÃO GESTÁLTICA SOBRE VERGONHA

Na Gestalt-terapia, Robine (2012) e Yontef (1993) escreveram com maior profundidade sobre o fenômeno da vergonha a partir de década de 1990. Contudo, esse termo foi usado em outras abordagens da Psicologia e das Ciências Sociais. Na Psicologia Comportamental, os artigos de Alencar e La Taille (2007) e Santos (2012) mencionavam sobre o manejo clínico. Na Psicologia Analítica, tem-se a dissertação de mestrado de Esteves (2012). Na teoria Walloniana, tem-se a tese de Vieira (2017), um estudo focado na conceituação da vergonha e suas características. Nas Neurociências, destacou-se o livro de Ledoux (2001) sobre emoção; e, em Filosofia, o destaque foi para Marim (2017), com a

noção de moralidade como um agente social balizador para os comportamentos humanos. Estes achados nos serviram de fundo para dialogar como a Gestalt-terapia.

No seu texto intitulado *Vergonha*, Yontef (1993) discorre sobre a fantasia de uma pessoa envergonhada centrar-se na possibilidade de que outras pessoas descubram o quão inadequado o indivíduo se sente. Um medo de desvalorização, de não ser aceito socialmente, entre outros, pode compor esse pensamento trazido pelo autor. Todavia, o fato é que já existe uma dissonância interna na pessoa que vivencia a vergonha. O autor esclarece que esse sentimento está presente na sociedade; ocorre dentro de cada cultura. Trata-se “de uma reação negativa do *self* ao processo de aculturação. ‘Vergonha é o sentimento que acompanha a experiência de “não ok” e/ou “insuficiente”” (YONTEF, 1993, p. 367).

Desse modo, tem-se evidência da forma como um marco social pode afetar os registros de vida de uma pessoa, possibilitando-a enxergar esses fatos como aversivos ou invasivos e trazendo reações fisiológicas como rubor, coração acelerado, comportamento de baixar a cabeça e não sustentar o olhar.

Complementando, Vieira (2017) caracteriza as reações em: somáticas, como alteração da frequência cardíaca, ansiedade; reações cognitivas, por meio de pensamentos negativos, sentimentos de solidão, frustração, inabilidade social e crítica severa sobre si; reações comportamentais, com dificuldades na comunicação, vida sexual de início tardio, de baixa frequência e de poucas experiências; e social, em que o indivíduo com vergonha tende ao isolamento. Para Yontef (1993) e Robine (2005), a vergonha é um ajuste habitual a que o envergonhado recorre para gerenciar sua vida.

Robine (2005) faz uso do seu processo de envergonhar-se e escreveu:

Nunca, nas minhas terapias pessoais ou na minha supervisão, eu havia tratado desse tema; e, é claro, eu estava misturado com ele, sem sabê-lo. Minha própria vergonha, não consciente e não trabalhada, tomava a forma que uma dada coisa pode tomar quando não é assumida, ou seja, eu a projetei. Eu manejava a vergonha sem me dar conta dela; eu tentava escapar dela, gerando-a em outras pessoas, o que me permitiu cuidar, ou melhor, recobrir de ilusões as minhas velhas feridas narcísicas... e não se tratava de uma relevância terapêutica a toda prova nas relações terapêuticas com meus pacientes. A vergonha da qual estou falando, mais que aquela forma imediatamente sentida em certas situações embaraçosas, mais que aquela que funciona como formação reativa, refere-se a um direito à existência, ao reconhecimento que recebo ou não recebo por ser o que sou, sentir o que sinto, desejar como desejo. Assim, pude descobrir que cada vez que estou em uma situação que me faz sentir que deveria ser de algum modo diferente do que sou, estou em uma situação de vergonha (ROBINE, 2005, p. 105).

Ao afirmar-se como uma pessoa que não conhecia seu processo de vergonha, Robine (2005) já nos traz um dado importante: a vergonha não visível como uma parte da totalidade do ser, a qual, por várias vezes, pode ser confundida como uma reação

momentânea de isolamento, raiva, uma projeção a partir do não “se dar conta” de como existir no mundo.

O termo vergonha, atualmente, é uma forma simplificada socialmente para expressar comportamentos diversos expressos pelo corpo. Todavia, percebe-se uma naturalização ao retirar o sentido psicológico (psicogênese) subjacente à vergonha, ou seja, a ideia central de que vergonha é uma avaliação negativa de si próprio. O *self* entende como um sentimento de insuficiência, incapacidade, fraqueza e/ou desvalorização de sua essência: “as Gestalten baseadas na vergonha são largamente experiências no pré-contato, ocorrendo interrupções em fases posteriores do ciclo figura/fundo” (YONTEF, 1993, p. 369).

De forma cronológica, as primeiras relações ocorrem na interação familiar que o bebê/criança tece desde a vida intrauterina. Dentro de um processo de desenvolvimento saudável, a relação deveria ser afetiva, nutritiva, educacional e não punitiva. Todavia, nem sempre os pais, responsáveis, irmãos, familiares, professores e outras pessoas significativas conseguem repassar uma informação com respeito e aceitação à criança, o que pode ocasionar o desenvolvimento da vergonha de uma forma acentuada, patológica, ou de sentimento de culpa, uma vez que o registro que pode ficar é o de não merecimento de afeto, inadequação, de ser defeituoso.

Em Gestalt-terapia, quanto ao processo de desenvolvimento infantil, Perls (2002) relata sobre a forma como uma pessoa apresenta ou inibe suas necessidades perante sua manutenção de vida. O objetivo central de Perls foi teorizar sobre como o organismo faz sua manutenção por um equilíbrio que é continuamente alterado por demandas/necessidades e como encontra formas de satisfação ou eliminação das mesmas.

É este contexto que o sentimento de vergonha penetra tão automaticamente na pessoa jovem. Quando o pai ou a mãe desviam o olhar com frieza ou parecem ofendidos, ou reagem com excesso de raiva ou insultos a um fato sem importância, o jovem confuso, não entende essa reação e naturalmente, presume que “deve haver algo errado comigo, mas não sei o que é”. Esse sentido de mistificação é um elemento primordial no processo de vergonha (YONTEF, 1993, p. 371).

Uma experiência afetiva angustiante gera um ajustamento criativo que, na situação de origem, foi necessário para que o corpo se protegesse, mas que, ao longo do seu viver, foi ganhando lugar como uma crença indissolúvel. Desse modo, o intento é desmistificar a falsa crença e desenvolver os potenciais necessários para um crescimento pessoal no processo de vergonha.

Yontef (1993) ainda menciona que não são apenas os aspectos ambientais que contribuem para a inserção da vergonha como forma de ser. Uma criança pode ter relacionamentos familiares saudáveis e ainda desenvolver esses sentimentos de desqualificação social, pois há outro aspecto que evoca a vergonha: a inferioridade, “ansiedade, insegurança, a compulsividade, o perfeccionismo” (p. 371). Ademais, os outros

campos relacionais podem ser constituídos como significativos, onde a percepção sobre si e como o outro o vê se constituem como desqualificação. Um exemplo disso é o *bullying*.

Ressalta-se a importância de explorar e ampliar com cada cliente os múltiplos fatores que compõem sua existência, ou seja, “nada do campo pode ser excluído *a priori* como não pertinente, ainda que pareça tangencial” (ROBINE, 2005, p. 118), pois é a história de vida sendo mencionada, e tudo o que o cliente nos conta em palavras, jeitos, emoções o compõem como ser, o que será fundamental para a *awareness* sobre como o processo de envergonhar-se comparece e como potencializar nos novos ajustamentos criativos congruentes com o aqui e agora.

Ao apresentar aspectos rígidos sobre si, seus comportamentos, sentimentos, anseios, projetos estarão em desacordo com a autoimagem que se tem, logo, cria-se uma distorção sobre a forma do seu *self* (sobre sua forma de existir):

Esses comportamentos e experiências inaceitáveis acabam refletindo no caráter, na adequação e na competência da pessoa. Por exemplo, o *self* ideal pode ser suave e gracioso e a experiência de ser desajeitado não se encaixa neste *self* ideal; a pessoa se sente envergonhada toda vez que começa a experienciar a inaptidão. Naturalmente, o paradoxo é que quando a experiência vergonha se instalar, a inaptidão provavelmente aumentará. Assim, a vergonha pode ser um processo circular crescente (YONTEF, 1993, p. 378).

Diante desta descrição sobre o processo da vergonha, é necessária uma argumentação sobre tipos mais presentes de ajustamentos neuróticos na fronteira de contato da pessoa envergonhada, a saber: introjeção, confluência (YONTEF, 1993) e retroflexão (ROBINE, 2005). Estes são ajustamentos que dialogam sobre evitações de conflitos e aceites “passivos” sobre comportamentos, o que ocasiona adoecimentos psicossomáticos diversos em virtude da evitação dos excitamentos, da evitação do reconhecimento e/ou satisfação de suas necessidades:

Penso também nos fenômenos de fronteira como a introjeção, retroflexão, etc. Pode-se introjetar se não existe outro para segurar a colherzinha? Vai-se retrofletir se não há um terceiro para incitar a isso com mais ou menos complacência? E assim por diante (ROBINE, 2005, p. 119).

Concordando com o autor, a cronicidade de um ajustamento está nas bases da relação existente, pois, para a existência de um envergonhado, também é necessária a existência de protagonistas que incutem a vergonha.

Considerando a relação confluência e introjeção, podemos observar o processo da pessoa com vergonha ao aceitar que o classifiquem como pessoa de pouco valor, dentre outras características negativas, pois seu *self* está fragilizado, a tal ponto que o limite entre o eu e o outro se torna uma mistura. Neuroticamente, a pessoa envergonhada acaba evitando conflitos e se torna passiva às agressões dirigidas à sua personalidade.

Os introjetos se encontram enrijecidos no sistema de crenças limitantes em que

foram imputados, “seus impulsos, emoções e desejos são inaceitáveis. Eles mostram que você é socialmente incompetente” (YONTEF, 1993, p. 372). Por isso, o sofrimento na vergonha se torna um ajustamento neurótico, pois há um conflito interno entre o que deseja e como se percebe.

Esse é o resultado de como a agressividade gerada a partir das situações inacabadas permeia o viver dos seres humanos, fazendo-se importante manejar as necessidades pessoais do envergonhado, refletindo acerca da presentificação e diálogo que tece em suas relações.

Diante de um quadro como esse, Yontef (1993) menciona a retroflexão, haja vista que o processo de vergonha é calar-se para não entrar em conflito com os outros. Então, com uma autoestima, confiança e respeito por si reduzidos a possibilidade, os adoecimentos se tornam presentes.

Neste processo engenhoso para produzir resultados secundários que realizam a intenção inibida original: por exemplo, para não machucar sua família e amigos, ele se volta contra si próprio e produz enfermidades e fracassos que envolvem sua família e amigos. Mas ele não obtém satisfação nenhuma (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 256).

Com o sofrimento emocional instalado, o que o *self* busca é trabalhar o conflito, para a assimilação, crescimento e desenvolvimento de sua personalidade; “quanto mais cedo estivermos dispostos a afrouxar a luta contra o conflito destrutivo, a relaxar com relação à dor e à confusão tanto mais cedo o sofrimento terminará” (PERLS; HEFFERLINE; GOODMAN, 1997, p. 166). Por isso, o trabalho do psicólogo se centra em compreender o que o cliente traz como queixa para então ser discutido e assimilado, possibilitando uma ampliação de sua consciência sobre o seu processo de vergonha.

O cliente que busca a psicoterapia possivelmente já se apresenta confuso, com dificuldades em decidir, escolher e reconhecer suas necessidades sem sofrimento. Assim, uma “sensação de impotência, que o aprisiona, imobiliza e tira-lhe a esperança, porque já não consegue caminhar com o movimento da própria agressividade” (RIBEIRO, 2006, p. 62-63).

A função do processo psicoterapêutico é de ser um heterossuporte ao cliente através da utilização do acolhimento, da escuta ativa e presença genuína. Assim, de acordo com a criatividade presente na relação terapeuta-cliente, será possível utilizar experimentos que tenham maior propensão à *awareness* do cliente, estabelecendo assim o fluxo de contatos.

Elenca-se, então, como formas interventivas, os experimentos de contato, movimento (YONTEF, 1993). Trabalhos com sonhos, cadeira vazia, uso das artes (argila, biodança, desenhos) que se propõem a integrar as partes alienadas, evitadas pelo cliente, para começar a integrar percepções, pensamentos e ações. Outras formas de integrar as partes alienadas do envergonhado são proporcionar que vivencie suas emoções, como raiva ou tristeza; ou realizar diálogos entre suas polaridades (Vergonha *versus* Orgulho;

Vergonha *versus* Culpa; Fragilidade *versus* Fortaleza; Desejo *versus* Aversão; Dominador *versus* Dominado; Passado *versus* Futuro; Impotência *versus* Potência; Medo *versus* Ação).

Tais intervenções propõem experienciar novas formas de lidar com a situação inacabada através de um ambiente seguro, como o consultório. Isso favorece o cliente a entrar em contato com suas emoções, revisitando o conflito e dando um novo significado à história. Com base no aqui e agora, o cliente tem como desenvolver a ampliação do autossuporte, ocasionando assim uma fluidez no processo de contato (YANO, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Medo, timidez, insegurança em falar o que se pensa, tirar dúvidas, assumir posicionamentos... são marcantes no processo de vida do envergonhado, porém, não quer dizer que são impossíveis de resignificação.

Reconhecer-se como envergonhado por si só já poderá gerar vergonha. Mas, por meio da psicoterapia, da arteterapia e das artes, o contato com as situações potencializadoras da vergonha tem a capacidade de ofertar abertura ao novo, e, *aware* deste processo, minimizar o engessamento neurótico. Ao entrar em contato com o modo envergonhado de estar no mundo, amplia-se as possibilidades de reconfiguração ou uma tentativa de fluir com a experiência. Este é o processo do não cristalizar, não se fixar.

Ressalta-se que não se pode afirmar que a psicoterapia cause um processo de cura; a vergonha é construída e incorporada no viver, portanto, culpar variadas pessoas não demonstra crescimento, apenas projeção. Assim, o caminho para o indivíduo com vergonha perpassa por reconhecer, assimilar e aceitar que a vergonha se fará presente, pois, em algum momento, de algum modo, a vergonha foi necessária para ajustar-se diante do mundo, sendo uma tendência do organismo prevalecer a autopreservação. Quando há aceitação de como o envergonhado pode se apresentar ao mundo, há a liberdade para vivências e experiências com novos ajustamentos.

O reflexo desta pesquisa faz pensar sobre o caminho social tomado. Estamos vivendo em uma sociedade politicamente correta, em que o excesso de julgamento através das mídias sociais movimenta o mundo para lados polares, o que, em Gestalt-terapia, nunca será visto como saudável, mas sim, um desequilíbrio passível de mais adoecimentos psicoemocionais (depressão, ansiedade, raiva, fobias generalizadas, dentre outros).

O presente estudo pode ser elucidativo para outros profissionais na prática clínica, para profissionais em formação e até mesmo para aqueles que se identificam com o tema da vergonha. Além disso, esta pesquisa pode servir como norteadora para estudos mais aprofundados sobre os mecanismos subjacentes ao processo de vergonha: vergonha e culpa, vergonha e família, vergonha e vulnerabilidade, vergonha nas relações sexuais, vergonha nas relações de trabalho, a não vergonha nas mídias sociais.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, H. M.; LA TAILLE, Y. Humilhação: o desrespeito no rebaixamento moral. **Arquivo Brasileiro de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 59, n. 2, p. 217-231, dez. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672007000200011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10 mar. 2019.

BIBLIOTECA VIRTUAL DE PSICOLOGIA BRASIL. **Terminologia em Psicologia**: lista dos termos em ordem alfabética. São Paulo: BVS-Psi Brasil, 13 mar. 2014. Disponível em: http://newpsi.bvs-psi.org.br/uploads/lista_terminologia_alfa_BVS_13032014.pdf. Acesso em: 28 jul. 2020.

DOCA, F. N. P.; BIBILIO, M. A. A (des)conexão criança e natureza sob o olhar da Gestalt-terapia e ecopsicologia. **Revista da abordagem gestáltica**, v. 24, n. 3, p. 379-387, set./dez. 2018. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6549685>. Acesso em: 9 mar. 2019.

ESTEVES, A. L. **A timidez na perspectiva da Psicologia Analítica**. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

FRAZÃO, L. M. A relação psicoterapeuta-cliente. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 144-149, 1995. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicousp/v6n2/a11v6n2.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2019.

LEDOUX, J. **O cérebro emocional**: os misteriosos alicerces da vida emocional. Trad.: Terezinha Batista dos Santos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MARIM, C. I. A capacidade de entender as normas e fazer juízos normativos é um produto da evolução? **Conjectura**: Filosofia e Educação, Caxias do Sul, v. 22., n. esp., p. 68-82, 2017. Disponível em: <http://ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/4834/pdf>. Acesso em: 24 fev. 2019.

PERLS, F. S. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

PERLS, F. S. **Ego, fome e agressão**: uma revisão da teoria e do método de Freud. São Paulo: Summus, 2002.

PERLS, F. S. **Gestalt-terapia explicada**. São Paulo: Summus, 1977.

PERLS, F. S.; HEFFERLINE, R.; GOODMAN, P. **Gestalt-terapia**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1997.

PIMENTEL, A. Serviços psicológicos virtuais: ponto de vista em Gestalt-terapia. In: PIMENTEL, A.; LEMOS, F.; NICOLAU, R. (org.). **A escuta clínica na Amazônia**. Belém, PA: UFPA, 2017. p. 143-153.

POLSTER, E.; POLSTER, M. **Gestalt-terapia integrada**. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia**: refazendo um caminho. 8. ed. São Paulo: Summus, 2012.

RIBEIRO, J. P. **Gestalt-terapia de curta duração**. São Paulo: Summus, 1999.

RIBEIRO, J. P. **Vade Mecum de Gestalt-terapia**: conceitos básicos. São Paulo: Summus, 2006.

RIBEIRO, J. P. **O ciclo do contato**. São Paulo: Summus, 1997.

ROBINE, J. M. A Gestalt-terapia terá a ousadia de desenvolver seu paradigma pós-moderno? **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, jun. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epp/v5n1/v5n1a08.pdf>. Acesso em: 7 fev. 2019.

ROBINE, J. M. **O self desdobrado**: perspectiva de campo em Gestalt-terapia. São Paulo: Summus, 2006.

ROBINE, J. M. Vergonha. In: D'ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. (Org.). **Dicionário de Gestalt-terapia: "Gestaltês"**. 2. ed. São Paulo: Summus, 2012. p. 239.

SANTOS, A. S. **Será culpa ou vergonha?**: aprenda a distinguir e a lidar com estas emoções. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2012. Disponível em: <https://docplayer.com.br/37391430-Sera-culpa-ou-vergonha.html>. Acesso em: 25 fev. 2019.

TURATO, E. R. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetos de pesquisa. **Revista Saúde Pública**, v. 39, n. 3, p. 507-514, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rsp/v39n3/24808.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2020.

VERGONHA. In: DICIO: Dicionário Online de Português. [S. l.]: 7GRAUS, c2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/vergonha/>. Acesso em: 28 jul. 2020.

VIEIRA, M. B. **Timidez e expressividade afetivo-emocional**: um estudo walloniano. 2017. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/19986/2/Mariana%20Batista%20Vieira.pdf>. Acesso em: 6 nov. 2018.

YANO, L. P. A clínica em Gestalt-terapia: a Gestalt dos atendimentos nos transtornos depressivos. **Revista NUFEN**, Belém, PA, v. 7, n. 1, p. 67-85, 2015. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912015000100005&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 dez. 2018.




YONTEF, G. **Processo, diálogo e awareness**: ensaios em Gestalt-Terapia. São Paulo: Summus, 1993.

SOBRE OS ORGANIZADORES

LÁZARO CASTRO SILVA NASCIMENTO – Gestalt-terapeuta formado pelo Instituto de Gestalt de Curitiba. Psicólogo clínico (CRP-08/20085) graduado pela Universidade Federal do Pará. Musicoterapeuta (CPMT 346/20-PR) graduado pela Universidade Estadual do Paraná. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná. Doutor em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília. É membro do Laboratório de Fenomenologia e Subjetividade da Universidade Federal do Paraná e membro do Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas da Universidade Federal do Pará. Atua em consultório particular desde 2014, tendo interesse nas políticas de organização profissional da Gestalt-terapia e da Musicoterapia em território brasileiro.





KAMILLY SOUZA DO VALE – Psicóloga (CRP 10/02310), Gestalt-terapeuta pelo Centro de Capacitação em Gestalt-terapia, mestre e doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Pará, coordenadora do Grupo de Estudos em Gestalt-terapia (GEGT-Belém). Pesquisadora na área da conjugalidade, violência conjugal e gênero. Professora convidada em formações de Gestalt-terapia no norte do país. Ministra cursos de aperfeiçoamento na área de manejo clínico com casais, violência de gênero, violência psicológica e intervenções clínicas em atendimento com adultos e crianças. Supervisora clínica e coordenadora do curso de aprimoramento em Gestalt-terapia em Belém/PA e Macapá/AP.

Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Sentidos em Gestalt-terapia: novas vozes, outros olhares

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

